

JEAN MESLIER REVISITADO: AS ULTRALUZES DE MICHEL ONFRAY

Paulo Jonas de Lima Piva¹

Resumo: O artigo a seguir foi redigido em 2013, animado pelo lançamento em tradução brasileira de 2012, pela WMF Martins Fontes, de *Os ultras das Luzes*, o volume 4 da *Contra-história da filosofia* de Michel Onfray. Um dos personagens abordados com destaque no livro de Onfray é Jean Meslier (1664-1729), filósofo materialista, ateu, sensualista no seu sentido epistemológico e ético, comunista, anticlerical, anticristão e, ao mesmo tempo, por força maior, padre de aldeia, e, graças a Voltaire, que foi o seu maior divulgador mesmo que ao seu modo nada honesto, um precursor das Luzes francesas. No Brasil, nos anos 80, Maria das Graças de Souza apresentava aos leitores e, sobretudo, aos pesquisadores brasileiros, no mesmo espírito iluminista de Onfray e com a honestidade que faltou a Voltaire, a vida e o pensamento de Jean Meslier. São destas apresentações e revisitações de Meslier que trata este artigo. Palavras-chave: Ateísmo – Contra-história da filosofia – Luzes francesas – Materialismo – Meslier.

I. A aventura de uma obra e de um pensamento

No geral, a vida de Jean Meslier, nascido em 1664 e falecido em 1729, por quarenta anos padre da aldeia de Étréigny, na região das Ardenes, foi bastante prosaica e tranquila. Pelo menos a sua vida social. Além de uma ou duas idas a Paris que quebraram sua rotina, foram três, no máximo, os entreveros que marcaram os seus sessenta e cinco anos de existência. O primeiro, por atacar no púlpito e se recusar a homenagear numa missa o senhor do vilarejo de menos de duzentos habitantes onde ficava a sua paróquia. O fazendeiro feudal era um explorador facínora de camponeses pobres. A repreensão a essa ousadia de Meslier foi implacável por parte da cúpula da Igreja, mas ficou no verbal. O segundo entrevero foi por causa de criadas mais jovens. A Igreja proibia terminantemente que as empregadas das moradias paroquiais fossem menores de cinquenta anos. A primeira que trabalhou na casa de Meslier, então com trinta e dois anos, tinha vinte e três. O padre foi advertido da transgressão e a moça despedida. Contudo, duas décadas depois, Meslier voltou a reincidir. Com cinquenta e cinco anos, caiu novamente em tentação: voltou a contratar uma criada

¹ Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo, professor da Universidade Federal do ABC e autor de *O ateu virtuoso: materialismo e moral em Diderot*, Discurso Editorial, 1999, e *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*, Alameda Editorial, 2006.

com bem menos de cinquenta, com exatos dezoito anos. Havia ainda um agravante no caso: a jovem era sua parente. Desta vez não houve clemência e seus superiores o condenaram a um mês de retiro num seminário para reaprender lições sobre obediência e hierarquias. Para quem entendia o desejo como um doce pendor da natureza e defendia no íntimo a união afetiva e sexual livre entre as pessoas, ficar afastado mais uma vez de uma companhia feminina foi um duro golpe.

Já a vida intelectual e psíquica do padre filósofo foi bem mais conturbada. Durante dez anos, no mais absoluto segredo e atormentado por um conflito de consciência visceral, Meslier redigiu um manuscrito de mais de mil páginas, a *Memória dos pensamentos e dos sentimentos de Jean Meslier*, recheado com o mais colérico e radical dos pensamentos. Seus ingredientes principais: o ateísmo, o materialismo, a crítica ao clero, à religião, aos poderosos de um modo geral, à moral cristã, à *Bíblia* e até à pessoa de Jesus Cristo, bem como ao dualismo substancial do cartesianismo. Tudo isso, lembrando, na primeira metade do século XVIII, isto é, antes de Diderot, Sade, Bakunin, Marx e Nietzsche, longe dos debates acetinados dos salões, da sofisticação intelectual das academias e da efervescência de ideias das tavernas parisienses. O que o Meslier sacerdote, no cumprimento do seu ofício, pregava e tentava incutir na cabeça e no coração dos seus fiéis no decorrer do dia, era absolutamente rechaçado à noite, às escondidas, pelo Meslier filósofo. Tal vida dupla, tal esquizofrenia existencial, por assim dizer, valeu uma comparação com o doutor Jekyll, um honesto e pacato médico, personagem de *O médico e o monstro*, de Robert Stevenson, de 1886, que dividia sua personalidade e seu ser com um monstro, Hyde.

Não menos conturbada foi a trajetória da obra deixada por Meslier, fruto de quatro décadas de leituras, reflexões e indignações secretas e angustiadas. Mantida em hermético sigilo em vida, a *Memória* foi deixada como um testamento à humanidade. Reproduzida pelo padre em três cópias manuscritas como um espólio para três destinatários cuidadosamente selecionados, logo elas se multiplicaram em outras tantas quando caíram no mercado clandestino de manuscritos². E junto com a reprodução das cópias um efeito colateral: também foram multiplicadas as versões da filosofia de Meslier. Nesse processo de circulação, a doutrina de Meslier foi adulterada, distorcida, mutilada, inescrupulosamente apropriada. Dos anos trinta do século XVIII ao ano de 1864, quando ela foi recuperada e publicada na sua integralidade, a obra e o pensamento de Meslier passaram por uma cinematográfica aventura.

Roland Desné, um dos principais estudiosos de Meslier e do materialismo francês moderno, constata três etapas nessa trajetória de distorções e mutilações da obra do padre³. A primeira teria início com Voltaire, que teve contato com a *Memória* em 1735 e que dela fez uma compilação bastante desonesta, os *Extratos dos sentimentos de Jean Meslier*, publicados em

² Roland Desné fala em “três manuscritos irmãos”. Cf. DESNÉ, “L’homme, l’oeuvre et la renommée”. In: MESLIER, *Oeuvres complètes*, Tome I, p. LI. Já Michel Onfray fala em “quatro cópias para evitar que o produto de quarenta anos de leituras, meditações, análises e reflexões termine na lareira onde um parouquiano mal-intencionado ou mesmo um sequaz da hierarquia eclesiástica poderia lançá-lo nem bem seu cadáver esfriasse”. Cf. ONFRAY, *Contra-história da filosofia 4: os ultras das Luzes*, p. 48.

³ Cf. DESNÉ, “L’homme, l’oeuvre et la renommée”. In: MESLIER, *Oeuvres complètes*, Tome I, p. LXXIX.

1762, no qual o padre é apresentado como um deísta que pede perdão ao deus do deísmo por ter pregado a religião judaico-cristã durante toda a sua vida. Além do ateísmo, Voltaire também descarta do Meslier original o seu materialismo e, sobretudo, a sua crítica social e o seu comunismo. Tecnicamente falando, Voltaire manteve cinco das oito “provas” que compõem o manuscrito tal como saiu da pena de Meslier. Rapidamente, o Meslier de Voltaire – o “lixo voltairiano”, como prefere Onfray⁴ –, pelo grande prestígio do autor de *Cândido*, ganhou leitores e credibilidade, consolidando-se assim como a principal versão do pensamento do padre no século XVIII, em particular durante os primeiros anos da Revolução Francesa, quando Meslier chegou a ser homenageado com uma estátua em 1793. Entretanto, Desné ressalta um curioso paradoxo desse fato: ao mesmo tempo em que Voltaire descaracterizou teoricamente Meslier, ele o popularizou⁵. Ora, mais vale então um Meslier falsificado, mas divulgado e conhecido pela história, do que um Meslier autêntico, porém absolutamente ignorado e sem lugar nessa mesma história? O fato é que a versão mais acessível, mais curta, portátil e menos chocante do *Extrato* de Voltaire acabou se tornando o “tronco comum da incredulidade das Luzes”⁶.

A segunda etapa da trajetória histórica da obra de Meslier é inaugurada pelo barão de Holbach. Por volta de 1772, Holbach publica mais outra compilação da *Memória* de Meslier, a qual obterá projeção considerável na sua edição de 1791. Trata-se de *O bom senso do cura Meslier*. Segundo Desné, esse trabalho nada fidedigno, “esse contrabando literário”⁷ mais precisamente, fez de Meslier um pensador ateu, materialista e refutador ácido do cristianismo, porém, eliminou de sua filosofia a crítica social radical que torna a sua obra incendiária. Ao invés disso, o rico proprietário Holbach apresenta ao leitor um Meslier defensor da propriedade privada, ou seja, um Meslier à imagem e semelhança dos valores e dos interesses de classe do barão burguês. Pois é esse retrato de Meslier que acabará preponderando no imaginário da primeira metade do século XIX. O *Bom senso* passou por um autêntico escrito de Meslier durante a maior parte desse período. A dimensão de sua repercussão e assimilação, relata-nos Desné, fez com que Meslier e Holbach passassem a ser confundidos como um só personagem, sobretudo entre os leitores ingleses, espanhóis, alemães e poloneses. Com a tradução do *Bom senso* em 1961 para o húngaro, por exemplo, Meslier passou a ser entendido na Hungria como uma espécie de pseudônimo de Holbach⁸.

Menos influente, porém não menos relevante para a história da recepção do pensamento de Meslier, em particular para essa segunda etapa, é a versão do pensamento meslierista publicada por Sylvain Maréchal no seu *Catecismo do cura Meslier*, de 1790. Desné refere-se a ela como uma “fraude”⁹, devido à suspeita de que o Maréchal talvez tenha “conhecido o ateísmo do cura de segunda mão”¹⁰, provavelmente via *Bom senso* de Holbach. No fundo, mais uma das várias especulações em torno da vida e obra de Meslier.

⁴ ONFRAY, Op. cit., p. 93.

⁵ Cf. DESNÉ, “L’homme, l’oeuvre et la renommée”. Op. cit., p. LXVI.

⁶ Cf. Idem, p. LXVII.

⁷ Cf. Idem, p. LXIX.

⁸ Cf. DESNÉ, “Les oeuvres complètes de Jean Meslier”. In: *Revue de l’Université de Bruxelles*, p. 149.

⁹ Cf. DESNÉ, “L’homme, l’oeuvre et la renommée”. In: MESLIER, Op. cit., Tome I, p. LXIX.

¹⁰ Idem, p. LXII-LXIII.

Por fim, a terceira etapa constatada por Desné: o resgate da obra e do pensamento originais de Meslier em 1864, pelo alfarrabista, editor e militante socialista holandês Rudolf Charles. Tal fato fornecerá a imagem de Meslier e de sua filosofia para o século XX, ou seja, finalmente um Meslier ateu, materialista, anticristão, comunista e ideólogo da sublevação camponesa baseada no enforcamento do último rei com as tripas do último padre, tal como encontramos nas letras e no espírito originais da sua *Memória*. Curiosamente, 1864 é o ano do bicentenário do nascimento de Meslier. Outro detalhe importante é que 1864 é o ano de fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, a Primeira Internacional, organização dentro da qual Marx e Bakunin se digladiaram pela condução do movimento operário revolucionário. Nesse ano, finalmente, sem deturpações ou apropriações facciosas, a *Memória* é publicada na íntegra, tal como foi concebida no espírito radical de Meslier. A verdadeira *Memória* deixa de ser um calhamaço de manuscritos para virar livro em três volumes, numa primeira tiragem de 550 exemplares. Esse novo e autêntico Meslier terá o seu nome registrado num obelisco na recém-nascida União Soviética, desta vez não mais como um pensador deísta e defensor da propriedade privada e sim como um dos precursores do “socialismo científico”, como um filósofo tão ou mais importante até do que Descartes. Na pátria de Lênin, Meslier ganhou existência e destaque nos manuais escolares de filosofia, antes mesmo dos manuais escolares do seu país natal.

Complementemos o trabalho de Desné; ressaltemos um quarto momento da trajetória e da recepção da obra de Meslier. Podemos dizer que ele ocorreu em novembro de 1964, em Aix-en-Provence, no tricentenário do seu nascimento. Antes, porém, vale assinalar que, no ano de 1948, a obra de Meslier é incluída no Índice da igreja católica. De volta a 1964 e a Aix-en-Provence, um colóquio internacional sobre o pensador radical da aldeia de Étrépigny é realizado. Dele participaram os mais renomados *dix-huitièmistes* da Europa; dentre eles, nada menos do que Jean Fabre, Jean Deprun, Roland Desné, Jacques Proust e o autor da tese mais significativa sobre Meslier até hoje: *O cura Meslier, ateu, comunista e revolucionário sob o reinado de Luís XIV*, lançado no ano seguinte. Estamos falando de Maurice Dommanget¹¹. Como bem salientou Jean Fabre no encerramento desse colóquio, aquela reunião de sumidades internacionais para discutir a obra e as ideias viscerais de Meslier demonstrou definitivamente que o padre filósofo “não é um autor menor”, que sua influência, confessada ou omitida pelos seus leitores mais ilustres, se exerceu por todo o século das luzes¹².

Em 1969, Meslier é tema de um programa na Rádio France Culture. Era o começo de uma nova etapa nessa trajetória. Na ocasião, temos o prenúncio do monumental trabalho realizado pela editora Anthropos e que consolidou o autor da *Memória* na história da filosofia. A propósito, não confundamos a publicação completa da versão original da *Memória* de Meslier, feita pela primeira vez pelo holandês Rudolf Charles, com a publicação das obras completas do filósofo padre. Esta ocorreu pela primeira vez somente em 1970, por meio dos esforços de Roland Desné, Jean Deprun, Albert Soboul e da editora Anthropos. Na verdade, a obra de Meslier não se resume à sua *Memória*. O filósofo também é autor das *Cartas aos curas*

¹¹ Cf. DOMMANGET, Le curé Meslier, athée, communiste et révolutionnaire sous Louis XIV.

¹² Cf. FABRE, “Clôture du Colloque”. In: Études sur le curé Meslier: actes du Colloque International d’Aix-en-Provence, 21 novembre 1964, p. 123.

da vizinhança, redigidas provavelmente em 1720, uma espécie de complemento ou síntese da *Memória* e de documento de exaltação aos padres do baixo clero para que assumissem o protagonismo ideológico e político da luta contra as injustiças sociais. Meslier também é autor de um conjunto de apontamentos pessoais feitos em 1718 sobre a *Demonstração da existência de Deus*, de Fénelon, e acerca das *Reflexões sobre o ateísmo*, do padre Tournemine. Essas notas foram publicadas no tomo III da edição da Anthropos com o título de *Anti-Fénelon*. Mais recentemente, foram intituladas pela editora CODA como *Notas contra Fénelon*¹³.

Consta ainda que Meslier teria traduzido o bíblico “Cântico dos cânticos”, mas que a tradução, na forma de manuscrito, tenha sido devorada pelas chamas de um incêndio em 1812, em Moscou. Em suma, a publicação em 1970, pela editora Anthropos, em três tomos, das *Obras Completas de Jean Meslier* – isto é, a *Memória*, as *Cartas aos curas* e o *Anti-Fénelon* –, ricamente prefaciadas e com um aparato técnico e crítico minucioso, foi outro momento marcante da trajetória da obra e do pensamento do filósofo deicida. Nas nossas contas até aqui, o quinto momento.

Na monumental edição da Anthropos, contrariando preconceitos e paradigmas acadêmicos, Meslier é definitivamente decretado filósofo. Num dos três prefácios que abrem a edição e situam a obra e o pensamento do autor, em “Meslier filósofo” mais exatamente, Jean Deprun carimbou no passaporte filosófico do seu xará: “No sentido mais técnico da palavra, Jean Meslier foi um filósofo”¹⁴. No ano seguinte, novamente a rádio France Culture abordou Meslier, desta vez em dez programas de uma série intitulada “O caso Meslier”. Em 1973, Roland Desné lança outra coletânea de textos do padre¹⁵. Já no ano seguinte é realizado em Reims o segundo colóquio internacional sobre Meslier, muito mais amplo do que o de 1964¹⁶. Merece destaque também o trabalho do pesquisador Luciano Verona, que publica no ano de 1975 o primeiro trabalho crítico sobre Meslier depois do estudo divisor de águas de Maurice Dommanget. Trata-se de *Jean Meslier, padre ateu, socialista revolucionário: 1664-1729*¹⁷.

O debate em torno de Meslier arrefece um pouco nos anos seguintes. Uma sexta etapa dessa tortuosa trajetória tem início. O interesse por Meslier volta a recuperar o fôlego só em 1983, com a publicação do polêmico livro de Marc Bredel *Jean Meslier, o enragé: padre ateu e revolucionário sob o reinado de Luís XIV*¹⁸. Se depender de Desné, o livro de Bredel, um

¹³ Cf. respectivamente MESLIER, “Anti-Fénelon”. In: *Oeuvres Complètes*. Op. cit., Tome III, pp. 207-366 e MESLIER, *Notes contre Fénelon*.

¹⁴ DEPRUN, “Meslier philosophe”. In: MESLIER, *Oeuvres Complètes*. Op. cit., Tome I, p. LXXXI.

¹⁵ Trata-se de *Jean Meslier: textes*. Paris, Éditions Rationalistes, 1973.

¹⁶ Cf. DESNÉ, (org.) *Le curé Meslier et la vie intellectuelle, religieuse et sociale à la fin du XVIIe siècle et au début du XVIIIe siècle*. Actes du Colloque International de Reims, 17-19 octobre 1974.

¹⁷ Cf. VERONA, *Jean Meslier, prêtre athée, socialiste révolutionnaire: 1664-1729*.

¹⁸ Cf. BREDEL, *Jean Meslier l'enragé: prêtre athée et révolutionnaire sous Louis XIV*. *Enragés* eram os pensadores e militantes de uma corrente ultraradical dos *sans-cullotes* no período da Revolução Francesa. O líder da corrente política era um vigário, Jacques Roux, que num dos momentos mais agudos da Revolução acompanhou Luis XVI ao patíbulo como “confessor caricato” e conclamou entre os populares que assistiam ao espetáculo a comemoração da execução do rei quando a cabeça deste caiu guilhotinada no cesto. Cf. DARNTON, *Boemia literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime*, p. 254. Uma tradução possível para *enragé* seria “enraivecido”, solução dada pela tradutora da *Contra-história da filosofia 4*, de Michel Onfray, Cláudia Berliner. Cf. ONFRAY, Op. cit., p. 28.

escritor cristão e anticomunista ferrenho, não é um fato a ser comemorado na história da recepção da filosofia do padre. Indagado um ano depois, em 1984, num programa de rádio a propósito do livro de Bredel ter trazido à tona a figura e o pensamento de Meslier mais uma vez, Roland Desné, um dos maiores conhecedores da obra meslierista, sentenciou:

É algo bom que neste momento tenha se falado mais uma vez de Meslier na grande imprensa. Mas o pequeno livro em questão não é muito sério. Ele comporta erros, por vezes grosseiros. E muitas vezes se tem a impressão de que o autor tenta fazer valer sua própria inteligência à custa de Meslier¹⁹.

Em 1983, desta vez no Brasil, Maria das Graças de Souza defende a sua dissertação de mestrado sobre Voltaire na Universidade de São Paulo: *Voltaire e o materialismo do século XVIII*. No capítulo dedicado a Voltaire editor de Meslier, o autor da *Memória* torna-se protagonista. É a primeira vez num departamento de filosofia do Brasil que Meslier é tratado com a devida importância²⁰. Em 1985, a mesma Maria das Graças publica na revista *Transformação*, da UNESP, o artigo “O estranho testamento de um vigário de província: as memórias de Meslier”²¹. As bases dos estudos sobre Meslier em território nacional estavam dadas²².

Nos anos 90, praticamente nada de significativo é publicado ou realizado em nome de Meslier, pelo menos na França. Já em 2000, outra coletânea de Meslier veio a lume. Organizada por Armand Farrachi²³, essa não acrescentou nada de especial aos estudos meslieristas. Em contrapartida, trata-se de um instigante livro de divulgação.

É em 2005 que a trajetória da recepção da filosofia de Meslier ganha um novo ânimo, entrando assim no seu sétimo momento pelas nossas contas. O polêmico Michel Onfray lança na França o bombástico *Tratado de ateologia: física da metafísica*. Em pouco tempo o livro torna-se best seller e atrai os holofotes da grande mídia e do grande público. Um dos personagens centrais, não só do livro, mas da sua proposta de "ateologia" é justamente Jean Meslier.

II – O ultra das luzes

Por ora, deixemos o *Tratado de ateologia* de Onfray de lado. Avancemos um pouquinho mais no tempo. Em 2007, Onfray lança o volume 4 da sua *Contra-história da filosofia*, dedicado ao que ele denomina “os ultras das Luzes”. Na sua interpretação, Meslier é um deles, aliás, o precursor e representante mais completo dessa tendência do iluminismo francês.

¹⁹ DESNÉ, “Actualité de Meslier: entretien avec R. Desné”. In: *Les cahiers rationalistes*, n. 395, L'Union Rationaliste, avril 1984, p. 196.

²⁰ Cf. SOUZA, *Voltaire e o materialismo do século XVIII*.

²¹ Cf. SOUZA, “O estranho testamento de um vigário de província: as memórias de Meslier”.

²² Minha tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em 2004, e posteriormente publicada, é um desdobramento das pesquisas iniciadas pela professora Maria das Graças. Cf. PIVA, *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*.

²³ Cf. MESLIER, *Mémoire: extraits*.

Mas o que significa exatamente ser um “ultra das Luzes”? Em linhas gerais, ser um “ultra das Luzes” no entender de Onfray significa pensar como um iluminista extremado, como um racionalista que leva o exame, a crítica e a reflexão autônoma às últimas consequências. Na explicação sem rodeios de Onfray, trata-se de pensadores de “luzes radicais”, que foram menosprezados pela história da filosofia oficial por razões ideológicas, salienta, e que “não reconhecem nem Deus, nem senhor, nem papa, nem rei”²⁴. Portanto, não são as luzes do anticlerical, porém deísta, Voltaire; do crítico da propriedade privada, mas legitimador da monarquia, Rousseau; do racista, sexista e elitista Kant; tampouco do amante de Catarina II e, por um tempo, do seu despotismo esclarecido, Diderot. Estes seriam os “paragões” do que Onfray chama de “Luzes pálidas”²⁵ ou “Luzes convencionais”²⁶, uma espécie de alto clero do movimento iluminista. Muitos deles justificaram a escravidão e lucraram pessoalmente com o tráfico negreiro; outros, além de difundirem preconceitos racistas e crenças sexistas, propuseram intolerância ao ateísmo e até a pena de morte²⁷.

Os “ultras das Luzes”, ao contrário, tinham no ateísmo explícito, no materialismo resoluto, no hedonismo e na revolução política e social seus fundamentos teóricos, seus “quatro continentes”, como prefere Onfray²⁸. No ateísmo, a afirmação da imanência absoluta, de que só há este mundo, sem criadores nem providências; no materialismo, a tese de que tudo é matéria, inclusive a alma, de que só há uma vida, a vida terrena, e que o livre-arbítrio não passa de uma ficção; no hedonismo, a valorização do prazer, o estímulo ao gozo de um corpo sem culpa e uma moral que exige e legitima a felicidade aqui e agora; por fim, na ideia de revolução, o objetivo da realização do bem público e a projeção de utopias comunistas que ponham um fim definitivo à opressão e às injustiças²⁹. E o filósofo do século XVIII, o ultra que reuniu no seu pensamento, ao mesmo tempo, o ateísmo, o materialismo, o hedonismo e a revolução foi, no entender de Onfray, Meslier. Não La Mettrie, Helvétius, o barão de Holbach ou o marquês de Sade, pensadores do século XVIII que o autor da *Contra-história da filosofia* também classifica como “ultras das Luzes”:

De fato, os ultras constituem uma paisagem intelectual e filosófica nova. É verdade que cada um representa um fragmento desse novo mundo, ou dois, ou três, ou até mais com Jean Meslier, que os contém todos³⁰.

Para entendermos melhor o conceito de ultraluzes é importante considerar que o “Século das Luzes”, como explica Onfray, não foi um período constituído apenas de claridades. O século que foi palco do engajamento de Voltaire em defesa da tolerância e que preparou a ideologia da Revolução Francesa também produziu trevas. Onfray se refere primeiramente às falsas ciências que proliferaram no período e que encontraram muitos

²⁴ ONFRAY, Op. cit., p. 21.

²⁵ Cf. Idem, p. 19.

²⁶ Cf. Idem, p. 21.

²⁷ Cf. ONFRAY, Op. cit., p. 20.

²⁸ Idem, p. 34.

²⁹ Cf. Idem, p. 37.

³⁰ Idem, p. 34.

seguidores. A fisiognomonia, a frenologia e o mesmerismo foram algumas delas, respectivamente, a ciência do estudo do caráter das pessoas com base nas emoções expressas pelo rosto, a ciência que mede a inteligência e também a índole do ser humano pelo tamanho do seu crânio e, por fim, a ciência do magnetismo, o uso do ímã como panacéia para todas as doenças³¹. Johann K. Lavater, Franz J. Gall e o médico alemão Franz Anton Mesmer seriam alguns desses “escroques filosóficos”³², desses gurus charlatães que “vendem fumaça intelectual, seduzem com o irracional”, em plena era da *Enciclopédia*³³.

Outra faceta das trevas produzidas pelo século das luzes que Onfray destaca são os “antifilósofos”. Não menos marginalizados pela história da filosofia das cátedras universitárias, adversários tanto das “Luzes pálidas” quanto dos “ultras das Luzes”, os “antifilósofos” eram, na sua maioria, religiosos, mais precisamente católicos empedernidos, na forma de jesuítas e jansenistas. De todo modo, eram os defensores intransigentes do cristianismo oficial. Em comum entre esses teólogos e padres ultraconservadores, o ódio pela razão e a absoluta falta de apreço pela liberdade de pensamento e crença. Aliados ideológicos e políticos da monarquia sanguinária e solidários ao sectarismo de ocultistas, gnósticos e místicos de todas as ordens, esses “antifilósofos” engajaram-se numa guerra implacável contra os enciclopedistas e todas as demais espécies de *philosophes*³⁴. E fizeram isso da mesma forma com que os iluministas agiam: publicando livros, panfletos, dicionários, peças infantis³⁵. Mas com uma diferença: esses cães de guarda do obscurantismo desfrutaram muitas vezes do privilégio e da covardia do cargo de censores. Em suma, os “antifilósofos” – isto é, o abade Bergier, Lelarge de Lignac e o autor de best sellers Nicolas Moureau –, paradoxalmente personagens muito vivos do cenário das luzes européias, encarnaram a mais pura e implacável reação ao esclarecimento.

III – As luzes de Meslier medidas por Onfray

Como vimos, Onfray considera o autor da *Memória* o representante mais significativo dos “ultras das Luzes”. Assim sendo, conhecendo Meslier, entenderemos melhor não só a ideia de ultraluzes, ultrailuminismo ou ultraesclarecimento desenvolvida por Onfray, mas também o seu polêmico projeto de “ateologia”, do qual o padre ateu parece ser parte fundamental.

Quem já teve a oportunidade de mergulhar nos três tomos das obras completas de Meslier, encontrará no esquadrinhamento da sua filosofia feito por Onfray na sua *Contra-história da filosofia 4* uma revigorante e criativa revisita. Onfray retoma e insiste na tese de que Meslier seria o primeiro pensador ateu explícito e assumido – ainda que postumamente, por força do medo das atrocidades represálias do absolutismo de Luis XIV – da história da filosofia, “o primeiro a afirmar tão clara, nítida e radicalmente que Deus não existe, que a religião é uma impostura e que é preciso haver uma filosofia pós-cristã”³⁶. A tese de Meslier como

³¹ Cf. Idem, p. 15.

³² Idem, Ibidem.

³³ Idem, p. 16.

³⁴ ONFRAY, Op. cit., p. 17.

³⁵ Cf. Idem, p. 18.

³⁶ Idem, p. 46.

precursor textual do ateísmo – já que outros ateus provavelmente existiram antes dele, mas sem registrar seus ateísmos em textos –, de Meslier como o “primeiro (filósofo) ateu”³⁷, como o filósofo que “propõe o primeiro pensamento ateu da história ocidental”³⁸, de Meslier como aquele que anunciou “pela primeira vez, filosoficamente, a morte de Deus”³⁹, encontramos, por exemplo, em Jean Vernet, mais precisamente no seu *O ateísmo*, no qual o padre é descrito como “autor do primeiro sistema ateu intelectualmente construído”⁴⁰. Encontramos essa interpretação também em Serge Deruette, um especialista da filosofia meslierista. Para Deruette, Meslier seria “o primeiro teórico sistemático do ateísmo, do qual ele elabora uma concepção acabada”⁴¹.

Recordando, o ateísmo seria um dos quatro pilares e continentes da definição de ultraluzes de Onfray, e Meslier, na concepção do autor do *Tratado de ateologia*, seria o “portador da totalidade das potencialidades ultras do século”⁴². Isso porque Meslier seria inovador e “radical em tudo”⁴³. Na leitura de Onfray, Meslier fora um padre que vivia em meio ao sofrimento dos camponeses e com eles se identificava e se solidarizava; que pensou e escreveu longe dos salões, das academias francesas e da proteção de déspotas; que era simpatizante da união amorosa livre e contra o matrimônio indissolúvel por entender os desejos e sentimentos como movimentos naturais, inocentes e inconstantes, próprios de uma dinâmica cega, determinada e imprevisível da matéria⁴⁴; um analista que apresenta as narrativas bíblicas como fábulas absurdas e risíveis. Na espontaneidade cínica de Onfray, Meslier “caga para a religião cristã”⁴⁵.

É nesse sentido que a *Memória*, o testamento de Meslier, é definida na *Contra-história da filosofia 4* como “uma bomba de efeito retardado”⁴⁶. E não é por menos. Os alvos de Meslier foram bastante claros: os deuses – em particular o deus da tradição judaico-cristã –, o catolicismo e seu clero, os homens do fisco e os magistrados da justiça; também Jesus Cristo, suas sandices e sua moral, os profetas, os tiranos e os ricos e frios proprietários de terras. Em contrapartida, os protegidos pela sua retórica indignada são os miseráveis, humilhados e ofendidos, dentre eles as mulheres, as crianças e os animais não humanos. Como desdobramento desses valores que abominam a exploração, a opressão e aspiram à justiça, Meslier, segundo Onfray, “inventa o comunismo, ou até o anarquismo”⁴⁷. Isso nos

³⁷ Idem, p. 59.

³⁸ Idem, p. 55.

³⁹ Idem, p. 59.

⁴⁰ VERNETTE, *L'Atéisme*, p. 42.

⁴¹ DERUETTE, “Sur le curé Meslier, précurseur du matérialisme”. In: *Annales historiques de la Révolution Française*, Tome LVII, p. 414.

⁴² ONFRAY, Op. cit., p. 30.

⁴³ Idem, *Ibidem*.

⁴⁴ Meslier se opunha ao casamento indissolúvel como imposição moral e legal porque tal concepção ignora a inconstância afetiva dos seres humanos. Manter-se casado mesmo quando não há mais amor entre os cônjuges pode fazer da união um jugo odioso e insuportável. O resultado são parceiros que não se amam mais ou se odeia e seus filhos infelizes. Cf. MESLIER, “Mémoire des pensées et des sentiments de Jean Meslier”. Op. cit., Tome II, p. 71-72.

⁴⁵ Idem, p. 46.

⁴⁶ Idem, *Ibidem*.

⁴⁷ Idem, p. 47. Onfray assevera que Meslier “formula pela primeira vez um hedonismo social e político” e também que “inventa a visibilidade da luta de classes”. Cf. Idem, p. 82.

remete mais uma vez a Roland Desné, que escreveu com todas as letras que Meslier foi “o primeiro ateu comunista que o mundo conheceu”⁴⁸.

As ultraluzes de Meslier se fizeram por meio de um pensamento dialético sem rococó, ressalta Onfray⁴⁹. Sem neologismos vazios nem jargões obscuros à maneira dos escolásticos, porém redundante e prolixo em várias ocasiões como um longo sermão de missa, Meslier vai direto aos pontos em sua *Memória*: declara guerra não só à teologia católica, ao cristianismo em si mesmo – Onfray vê em Meslier a “primeira desconstrução do cristianismo”⁵⁰ – e à própria figura de Cristo – este, “um pobre louco”⁵¹ e um “arquifanático”⁵² que só dizia tolices⁵³ –, mas também ao cartesianismo, mais especificamente ao cartesianismo de Malebranche, em particular, ao seu dualismo substancial e à sua tese do animal-máquina.

A crítica de Meslier à tese cartesiana e malebranchista do animal-máquina é “um chute no traseiro de Malebranche”, escreve mais uma vez cnicamente Onfray⁵⁴. De Malebranche o padre ateu parecia conhecer muito bem o seu *Da Busca da verdade*. O fato é que, para Meslier, os animais pensavam, sentiam, gozavam e sofriam como qualquer outro ser de carne e sangue na natureza, já que não haveria nada além, nenhuma substância na natureza, que não fosse matéria, que tem como propriedades a sensibilidade e o pensamento. Assim sendo, a alma é material e, por sua vez, mortal, pois também é corpo. Sobre a crença cartesiana e malebranchista de que os animais seriam meros autômatos, Meslier desabafa:

Ridícula opinião, pernicioso máxima e detestável doutrina, uma vez que ela tende manifestamente a sufocar no coração dos homens todos os sentimentos de bondade, de doçura e de humanidade que eles poderiam ter por esses pobres animais, e que ela lhes dá lugar e ocasião para se fazer uma diversão e um prazer atormentá-los e tiranizá-los sem piedade, sob o pretexto de que eles não teriam nenhum sentimento do mal que eles lhes fariam, não mais do que a máquinas que eles lançariam ao fogo ou que eles quebrariam em mil pedaços⁵⁵.

A propósito, o entusiasmo e a identificação de Onfray com Meslier são indisfarçáveis. Pioneiro na história do ateísmo, Meslier, na leitura de Onfray, seria também um dos

⁴⁸ DESNÉ *et al*, “Avant-propos”. In: MESLIER, *Oeuvres complètes*, p. XII.

⁴⁹ ONFRAY, Op. cit., p. 47.

⁵⁰ Idem, p. 59.

⁵¹ Idem, p. 67.

⁵² Idem, p. 63. De fato, Meslier é agressivo em sua *Memória*, mais exatamente na “Segunda Prova”, quando ele se refere a Cristo: “(...) o Cristo dos cristãos foi visto durante a sua vida como um homem de nada, como um homem desprezível, como um insensato fanático, e ,enfim, como um miserável e infeliz patife”. Cf. MESLIER, “Mémoire des pensées et des sentiments de Jean Meslier”. In: *Oeuvres Complètes*. Op. cit., Tome I, p. 100.

⁵³ Cf. MESLIER, “Mémoire des pensées et des sentiments de Jean Meslier”. In: *Oeuvres Complètes*. Op. cit., Tome I, p. 393-394.

⁵⁴ ONFRAY, Op. cit., p. 72.

⁵⁵ MESLIER, “Mémoire des pensées et des sentiments de Jean Meslier”. Op. cit., Tome I, p. 216.

inventores do materialismo francês: “Assim como ele inova ao afirmar a inexistência de Deus, Meslier também inventa ao criar o materialismo francês quase peça por peça”⁵⁶. A inovação desse materialismo moderno estaria na ausência da influência do cristianismo na sua elaboração e na originalidade em face da hegemonia da tradição epicurista nessa corrente ontológica. Dito de outro modo, o materialismo de Meslier não é o mesmo do materialismo epicurista do cristão Gassendi, por exemplo. É um materialismo sem clinâmen ou teoria sofisticada de átomos. O Ser é matéria, a matéria é Ser; o Ser é natureza, que é o Ser, logo, que é matéria. Portanto, Ser, natureza e matéria são a mesma coisa, se confundem. Na verdade, trata-se de diferentes nomes e definições para a mesma substância e realidade. Ponto final. E se tudo o que existe é matéria, o pensamento e os sentimentos também são materiais. A matéria sente e pensa, a alma e a consciência cessam com a morte.

IV – Meslier e a "ateologia"

De fato, na “Sétima Prova” da Memória, intitulada “Da vanidade e da falsidade das religiões tiradas da falsidade mesma da opinião dos homens no tocante à pretensa existência dos deuses”, lemos:

(...) não há tal Ser, isto é, *não há Deus* (grifo nosso), e, por consequência, que é falsamente e abusivamente que os homens se servem do nome e da autoridade de Deus para estabelecer e para manter os erros de suas religiões, assim como para manter a potência tirânica de seus príncipes e de seus reis⁵⁷

A passagem de Meslier acima é bastante significativa, não só para Onfray, mas para todos os demais estudiosos da história do ateísmo ou que ao menos consideram o tema relevante. Trata-se da primeira vez na obra do padre – e, na interpretação de Onfray, na história escrita e registrada da filosofia ocidental –, em que a existência das divindades e, em particular, da divindade monoteísta judaico-cristã, é categórica e explicitamente negada. Nesse sentido, o trecho acima da *Memória* faz de Meslier, na definição do próprio Onfray, um “ateólogo”⁵⁸. O trecho salientado, aliás, é o momento chave da obra de Meslier para o projeto filosófico de Onfray, a “ateologia”. Na tal passagem, Onfray encontra não só um instante da fundamentação teórica e histórica das ultraluzes do século XVIII, mas também um instante da fundamentação teórica e histórica da sua “ateologia”, que pode ser definida como as ultraluzes do século XXI, e que é explanada por ele em detalhes no seu *Tratado de ateologia: física da metafísica*.

O *Tratado de ateologia* de Onfray tem a mesma contundência, clareza e radicalidade da *Memória* de Meslier. A impressão é que Onfray procura ser o Meslier de nossos dias, obviamente mais aprimorado pelos séculos e décadas de desenvolvimento filosófico e científico. Esse meslierista nietzschiano deixa claro logo de início que o seu pensamento,

⁵⁶ ONFRAY, Op. cit., p. 75.

⁵⁷ MESLIER, Op. cit., Tome II, p. 150.

⁵⁸ ONFRAY, Op. cit., p. 59.

embora radical e franco, não consiste num intolerante fundamentalismo ateu, como querem fazer ver, por má-fé ou por incompreensão, alguns dos seus adversários:

Em nenhum lugar desprezei aquele que acreditava nos espíritos, na alma imortal, no sopro dos deuses, na presença dos anjos, nos efeitos da prece, na eficácia do ritual, na legitimidade das encantações, no contato com os loas, nos milagres com hemoglobina, nas lágrimas da Virgem, na ressurreição de um homem crucificado (...) ⁵⁹

Contudo, Onfray lamenta profundamente que “os homens fabulam para evitar olhar o real de frente”⁶⁰. Olhar a vida pelas lentes da religião, pautar ações pelas suas fábulas e absurdos, é para Onfray um “infantilismo mental”, uma “alienação”, um “bovarismo”, uma “miséria espiritual”, uma covardia metafísica empobrecedora do ponto de vista ético e existencial⁶¹. Nesse sentido, para ser ainda mais inequívoco, Onfray insiste na explicação do seu posicionamento ontológico:

Não desprezo os crentes, não os acho ridículos nem lastimáveis, mas desespera-me que prefiram as ficções tranquilizadoras das crianças às certezas cruéis dos adultos⁶².

Ou seja, o “desejo de não enxergar a evidência”, a necessidade psicológica da “mais absoluta ficção”, a busca do embevecimento no mito e a fuga do convívio com a “crueldade do real” são plenamente compreensíveis para Onfray⁶³. O foco do problema estaria no “comércio de além-mundos”, nos tráficos de “socorro mental” promovidos e explorados por sacerdotes inescrupulosos ou doentios. “O crente, ainda passa” – declara indignado Onfray bem ao estilo de Meslier –, “aquele que se pretende o seu pastor, aí é demais!”⁶⁴.

Portanto, é contra a religião tornada neurose e psicose coletiva por neuróticos e psicóticos que se tornam sacerdotes que Onfray se coloca; é contra a religião, não como uma vivência íntima e pessoal restrita à própria subjetividade, à própria neurose e psicose individual, que o seu ateísmo se faz militante, e sim em oposição à prática religiosa pública manipulada e explorada por fanáticos e oportunistas. Concomitantemente, é a favor da liberdade de pensamento, da liberdade de expressão e, sobretudo, do valor da tolerância, que o ateísmo de Onfray se faz um engajamento ideológico e político. Deixemos o próprio Onfray se explicar a respeito:

⁵⁹ ONFRAY, *Tratado de ateologia: física da metafísica*, p. XVIII.

⁶⁰ Idem, *Ibidem*.

⁶¹ Cf. ONFRAY, *Tratado de ateologia: física da metafísica*, p. XIX.

⁶² Idem, *Ibidem*.

⁶³ Cf. Idem, p. XX.

⁶⁴ Idem, p. XXI.

Meu ateísmo se ativa quando a crença privada torna-se assunto público e em nome de uma patologia mental pessoal organiza-se também para os outros o mundo que convém⁶⁵.

Se a religião é uma patologia mental, o ateísmo, seu antípoda, só pode ser “uma saúde mental recuperada”⁶⁶. Onfray assevera isso sem nenhum constrangimento ou receio. Seria então o ateísmo, ou melhor, a ateologia de Onfray, uma proposta de cruzada ateísta contra as patologias e os obscurantismos alienadores expressos e fomentados pela religião?

Em absoluto. Onfray é antes de tudo, ao que tudo indica, um partidário da democracia, portanto, alguém aberto ao diálogo e ao combate racional de ideias. Seu objetivo é o esclarecimento da sociedade via debates públicos, bem ao espírito da melhor tradição racionalista ocidental, cujo produto mais aperfeiçoado foi o iluminismo. Retornar ao espírito das luzes do século XVIII, aliás, é o que Onfray advoga. Mas não às luzes pálidas de Voltaire, Kant, Rousseau ou Diderot. “Sou a favor das Luzes mais vivas, mais francas, nitidamente mais audaciosas”, declara⁶⁷. Em outras palavras, para tirar efetivamente mulheres e homens da situação de menoridade, cuja cosmovisão religiosa seria o maior sintoma desse atraso, e alçá-los à maturidade da autonomia reflexiva e moral, só mesmo as luzes mais ultrás, as luzes mais flamejantes do que as da promessa de esclarecimento de Kant, isto é, apenas as luzes de filósofos como Meslier. Nessas luzes encontraríamos a “imensa clareza ateológica”.

Mas, enfim, o que é a ateologia? O que Meslier, finalmente, tem a ver com ela?

A ideia de ateologia vem de Georges Bataille, dos anos 50, esclarece Onfray. A palavra foi um neologismo criado pelo autor da História do olho para brincar com a Suma teológica de Tomás de Aquino. A intenção de Bataille, também um pensador materialista, era escrever uma Suma ateológica em três volumes. Não foi adiante. Onfray empresta o termo de Bataille e mexe no seu conteúdo.

A ateologia é “uma disciplina inédita” a ser desenvolvida. Ela é vislumbrada na esteira das luzes emitidas por Meslier e que tiveram continuidade, no entender de Onfray, nas radicalidades de Feuerbach, Nietzsche e Freud, cujo impacto de suas filosofias nas mentalidades do século XX fez irromper a “era da incerteza”, esta caracterizada por um “um real desacoplamento da razão e da fé, depois uma volta das armas racionais contra as ficções da crença”⁶⁸. Do ponto de vista do esclarecimento, essa “era da incerteza” foi um momento histórico de “limpeza do terreno e a liberação de uma nova área”, a qual Onfray chama de “zona metafísica virgem”⁶⁹. Em termos mais sucintos, as radicalidades de Feuerbach, Nietzsche e Freud produziram o niilismo. Nossa época é niilista, uma situação intermediária entre a cosmovisão judaico-cristã abalada mas resistente, fornecedora de absolutos, e uma aspiração pós-cristã “à espera de uma era francamente atéia”⁷⁰; em outras palavras, uma

⁶⁵ Idem, *Ibidem*.

⁶⁶ Idem, *Ibidem*.

⁶⁷ ONFRAY, *Tratado de ateologia: física da metafísica*, p. XX.

⁶⁸ Idem, p. XXIII.

⁶⁹ Idem, p. XXIV.

⁷⁰ Cf. Idem, p. 31.

atmosfera de negatividade em que um “judeo-cristianismo deliquêscente” e um sentimento “pós-cristão ainda no limbo”⁷¹ se mesclam e se contradizem.

Curiosamente, Onfray considera a morte de Deus um anúncio, embora “tonitruante”, falso, pois “uma ficção não morre, uma ilusão não expira nunca, não se refuta um conto infantil”⁷². E lamenta que essa boa nova seja um engano: “Estamos a anos-luz de um tal progresso ontológico...”⁷³.

Entretanto, no diagnóstico de Onfray, estamos imersos no niilismo e ele precisa ser superado. Superar o culto ao nada, a paixão pelo nada, a nadificação e desvalorização de tudo o que é imanência e corpo, seja esse *nihil* o deus judaico-cristão, seja esse *nihil* o enorme vazio deixado pelo “tudo é permitido” e pelo “nada vale a pena” de um certo ateísmo cínico e pessimista. A função da ateologia é promover essa superação. Associada, baseada e nutrida pela psicologia, pela história, pela metafísica, pela arqueologia, pela hermenêutica, enfim, por todos os domínios do conhecimento com suas descobertas e desmistificações, a ateologia deve conduzir o homem para além do niilismo, radicalizar o ateísmo que tem em Meslier o “herói e mártir da causa atéia” e na Memória o começo da sua verdadeira história⁷⁴.

E o que significa radicalizar ainda mais – para além dos ultras talvez – as luzes do ateísmo? Significa, explica Onfray, tornar o ateísmo um “autêntico ateísmo ateu”, ou seja, um “ateísmo pós-moderno”⁷⁵. Trata-se de um ateísmo desintoxicado dos valores e dos deveres do cristianismo (caridade, humildade, dar a outra face, ódio ao corpo, desinteresse pelos bens deste único mundo, etc). Esse ateísmo eivado de cristianismo Onfray diagnostica, por exemplo, na filosofia de André Comte-Sponville, que ele define como um “ateísmo cristão”⁷⁶. O ateísmo da ateologia seria um ateísmo capaz de proferir um dionisíaco sim à vida em sua imanência, plenitude e tragicidade radicais. Eis o momento mais nietzschiano de Onfray: “Zaratustra deve retomar a função: só o ateísmo possibilita sair do niilismo”⁷⁷.

Diante desse quadro, o ateísmo seria apenas uma parte do projeto de ateologia de Onfray, este mais amplo e que engloba, como vimos, todos os domínios do conhecimento racional. O ateísmo, portanto, estaria contido na ateologia. Na verdade, o ateísmo é o meio dessa ateologia, que tem como fim a edificação de “uma verdadeira moral pós-cristã”, em que o corpo e os desejos deixem de ser causas de sofrimento, a vida deixe de ser encarada como passagem e vale de lágrimas, a inteligência deixe de ser considerada uma presunção e a mulher deixe de ser tratada como uma maldição⁷⁸. Para isso, com o auxílio imprescindível do ateísmo inaugurado por Meslier, a ateologia de Onfray coloca para si três tarefas primordiais: 1) desconstruir os três monoteísmos hegemônicos no mundo de hoje (judaísmo, cristianismo e islamismo); 2) desmistificar a religião judaico-cristã em especial; 3) desmontar todas as teocracias, porque, para Onfray, elas ainda existem e contrariam a necessidade civilizatória do Estado laico.

⁷¹ Cf. Idem, Ibidem.

⁷² Cf. Idem, p. 3 e 4.

⁷³ Idem, p. 5.

⁷⁴ Cf. Idem, p. 19.

⁷⁵ Idem, p. 44.

⁷⁶ Idem, p. 43.

⁷⁷ Idem, p. 24.

⁷⁸ Cf. Idem, p. 47.

Em suma, revisitar Meslier pela leitura ateuista, libertária e dionisíaca de Onfray, pelas ultraluzes de sua contra-história da filosofia e da sua ateologia, é perceber no padre deicida, tiranocida e comunista um filósofo ultracontemporâneo e no ateísmo não um fim em si mesmo.

JEAN MESLIER REVIEWED: MICHEL ONFRAY'S RADICAL LIGHTS

Abstract: The following article was written in 2013, motivated by 2012's Brazilian translation release, by WMF Martins Fontes, of *The Ultra Ones of the Lights*, the 4th volume of Michel Onfray's *Counter-history of the philosophy*. One of its characters who was prominently featured in the Onfray's book is Jean Meslier (1664-1729), materialist philosopher, atheist, sensualist in the epistemological and ethical sense, communist, anticlerical, antichristian, and at the same time, due to force majeure, priest of a village, and, because of Voltaire, who was the most extensive propagandist of him, even not being in an honest manner regarding his writings at all, a precursor of the French Lights. Here in Brazil, in the '80s, Maria das Graças de Souza had shown to the readers and, above all, to the Brazilian researchers, with the same Onfray's enlightening verve and the appropriate honesty, which was not the case in Voltaire's attitude, the life and the thought of Jean Meslier. These are the Meslier's presentations and reviews dealt with in this article.

Keywords: Atheism – Counter-history of the philosophy – French Lights – Materialism – Meslier.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREDEL, Marc Jean Meslier l'enragé: prêtre athée et révolutionnaire sous Louis XIV. Paris: Balland. 1983.

DARNTON, Robert. Boemia literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DEPRUN, Jean. "Meslier philosophe". In: MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes*. Tome I. Paris: Anthropos, 1970.

DERUETTE, Serge. "Sur le curé Meslier, précurseur du matérialisme". In: *Annales historiques de la Révolution Française*. Paris, Tome LVII, 1985.

DESNÉ, Roland. "Les oeuvres complètes de Jean Meslier". In: *Revue de l'Université de Bruxelles*, n. 1, 1969-1970.

_____. "L'homme, l'oeuvre et la renommée". In: MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes*. Tome I. Paris: Éditions Anthropos, 1970.

_____. (Org.). *Le curé Meslier et la vie intellectuelle, religieuse et sociale à la fin du XVIIe siècle et au début du XVIIIe siècle. Actes du Colloque International de Reims, 17-19 octobre 1974*. Reims: Bibliothèque de l'Université de Reims, 1980.

_____. "Actualité de Meslier: entretien avec R. Desné". In: *Les cahiers rationalistes*, n. 395, L'Union Rationaliste, avril 1984,

DESNÉ, Roland et all. “Avant-propos”. In: MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes*. Tome I. Paris: Anthropos, 1970.

DOMMANGET, Maurice. *Le curé Meslier, athée, communiste et révolutionnaire sous Louis XIV*. Paris: Julliard, 1965.

FABRE, Jean. “Clôture du Colloque”. In: *Études sur le curé Meslier: actes du Colloque International d’Aix-en-Provence, 21 novembre 1964*. Paris: Société des Études robespierristes, 1966.

MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes*. Paris, Anthropos, Tome I, 1970; Tome II, 1971; Tome III, 1972.

_____. *Jean Meslier: textes*. Paris: Éditions Rationalistes, 1973.

_____. *Mémoire: extraits*. Paris: Exils Éditeur, 2000.

_____. *Notes contre Fénelon*. Paris: CODA, 2010.

ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

_____. *Contra-história da filosofia 4: os ultras das Luções*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.

SOUZA, Maria das Graças. *Voltaire e o materialismo do século XVIII. Dissertação de mestrado*. São Paulo: USP, 1983.

_____. “O estranho testamento de um vigário de província: as memórias de Meslier”. In: *Transformação*, vol. 8. Marília: UNESP, janeiro de 1985.

VERNETTE, Jean. *L’Athéisme*. Paris: PUF, 1998.

VERONA, Luciano. *Jean Meslier, prêtre athée, socialiste révolutionnaire: 1664-1729*. Milano: Cisalpino-Goliardica, 1975.